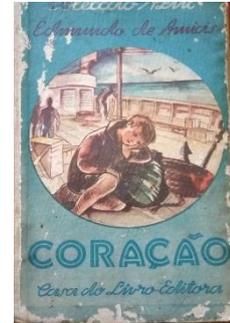


O livro da minha infância ou a poesia da escola

Introdução

Na minha infância era a **Coleção Azul**! Uma coleção de livros, azuis, claro, com gravuras na capa que se referiam ao conteúdo do livro. Olhem para a fotografia ao lado! Aquele menino vai ser uma das personagens; na capa mais moderna, que vos mostro a seguir, a neve também vai ser protagonista! Naquela época sem computadores, smartphones, ou tablets, os livros eram a nossa passagem para outros universos! Quem tinha acesso a eles era afortunado. No entanto, podíamos tê-los e não termos vontade de os ler! Mas sem experimentar, não se sabe, não é? E se por acaso acontecia começarmos a ler e a pouco e pouco abrir-se um mundo novo à nossa frente, então já não conseguíamos parar. Ele levava-nos pela mão até onde deixássemos! Todos os bocadinhos do nosso tempo eram para nos dedicarmos a ele e se os pais não dessem por isso, líamos pela noite dentro. E quando esse livro acabava? Tinha que vir logo outro a seguir, que até já tínhamos visto na montra da livraria! O que queres nos anos, ou no Natal? perguntavam. Ora o que havia de querer, o nº 2 ou o número que faltasse na coleção! Depois olhávamos com orgulho para a nossa coleção, fosse ela azul, verde ou amarela, toda alinhadinha na prateleira do quarto!



Bom, mas vamos ao livro propriamente dito e que escolhi como protagonista de um período da minha infância.

O Livro



Vou contar-vos uma história sobre uma história que já foi contada. Em 1886, imaginem há 135 anos, era publicado em Itália o livro “Coração” que chega a Portugal em meados dos anos 50, livro número 7 da Coleção Azul. Não me lembro que idade tinha quando o li, talvez 10, 12 anos ou até menos, e também não me lembro bem quem mo ofereceu, mas estou convencida que foi uma colega da minha mãe, uma senhora enfermeira que gostava muito de mim. Este livro é um verdadeiro tratado de bons conselhos, de bom comportamento para todos os meninos e meninas em idade escolar, mas também de bons exemplos da parte dos adultos, a quem cabe a educação e formação desses meninos, principalmente pais e professores. “Hum, que livro chato, não?” dirão vocês! Talvez... ou talvez não! Depende da sensibilidade de cada um! A mim, lembro-me que me comoveu, que me fez chorar, e mesmo agora ao relê-lo não deixo de sentir por vezes, ainda, um certo arripiozinho traiçoeiro!

A história passa-se numa escola para rapazes, no Piemonte, uma das regiões de Itália. Sabem porque é importante mencionar isto? É que na altura em que esta história é escrita, a Itália estava já unificada: os sete estados em que se dividia, eram agora um só, um país, tal como o conhecemos hoje, e havia um grande orgulho nisso. Ora alguns dos rapazes, que estão nesta escola, vêm de outras regiões, Calábria, por exemplo; os meninos dos contos vêm da Sardenha, da Lombardia, da Toscana, da Sicília e assim por diante, e era muito importante naquela altura que estes pequenos italianos aprendessem que pertenciam todos ao mesmo país e que deveriam acolher todos os de fora como irmãos. Este livro pretendia, na altura, apelar a esta identidade nacional. Vejam se conseguem descobrir no mapa todas estas regiões.

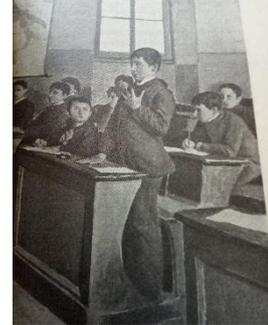


Porque vos falo deste livro?

Enrico é o nosso narrador. Ele vai escrever um diário, todos os meses ao longo de um ano escolar, onde relata a vida na escola, a relação com a família, com os amigos, com os colegas e professores. Relata factos, mas também emoções e sentimentos. É muito amigo de alguns dos colegas, mas bem formado como é, aproxima-se sobretudo daqueles que revelam bom carácter, sem olhar à sua condição social.

A escola é a grande protagonista desta história. A ela cabe a educação e formação destes jovens italianos, a integração e preparação para um futuro melhor, quer venham a ser advogados, engenheiros, operários, maquinistas, ferreiros ou simples carvoeiros, como seus pais.

Quando li o livro, teria a idade destes rapazes, e também poderia estar na terceira classe como eles. Sentia-me próxima das suas histórias, porque havia algumas semelhanças com o que se passava na minha própria escola, com os meus colegas e professores. Ao lê-lo, senti profundamente tanto as suas alegrias, como as suas tristezas, e talvez imaginasse, já naquela altura, que o mundo podia ser realmente assim e visse naqueles bons exemplos um caminho a seguir. Que bom que era ver Garrone, o mais crescido, o mais bondoso, o “vitelo tranquilo”, como a determinada altura lhe chama Enrico, tornar-se protetor dos mais fracos, e ameaçar “dar cabo” dos fanfarrões que os pretendem humilhar; ou que felicidade imaginar Derossi, o primeiro da turma, o mais brilhante, a responder acertadamente a todas as perguntas dos professores, com prazer, sem vaidade ou arrogância, sempre pronto a ajudar os colegas; Coretti, por exemplo, mata-se a trabalhar para ajudar o pai, ao ponto de adormecer de cansaço na aula, mas mantém sempre a sua alegria e enquanto carrega a lenha vai repetindo a lição em voz alta; e Stardi, que parece burro, mas que surpreende todos ao chegar a um meritório segundo lugar, ele, quem diria, que gasta o pouco dinheiro que tem em livros e se orgulha da sua biblioteca; ou Nelli, o corcundinha débil, que na aula de ginástica insiste em fazer um difícil exercício tal como os outros, o que com muito esforço consegue, revelando uma força interior extraordinária, que não aparenta; ou Crossi, que, para fazer os trabalhos de casa, nada mais tem do que uma cadeira, o tinteiro no chão numa sala mal iluminada mas que continua a sorrir e a persistir; Precossi, que sempre nega que o pai lhe bate, e que no meio dessa profunda infelicidade, arrebatada também uma medalha! E o nobre gesto de Garoffi não devia trazer-me lágrimas aos olhos? Quando ao brincar na neve, atinge, sem querer, com uma bola de neve, a cara de um velhote, todos lhe caem em cima, na fúria da turba, como se tivesse feito de propósito. Então, vai visitar o velhote e oferece-lhe o seu bem mais precioso e que tanto lhe custou a conseguir: a sua coleção de selos! E por este facto, recebe-a de volta...e ainda com mais selos! Não havia o meu coração de reverenciar o nobre gesto de Robetti, que salva uma criança de ficar debaixo de um elétrico, ficando ele próprio ferido e obrigado a andar de muletas? Ou sentir com eles a admiração pelo rapazito que não hesita em atirar-se ao rio Pó para salvar um companheiro e que por isso recebe das mãos do Presidente da Câmara uma medalha de valor cívico? Faço aqui um parêntesis e invoco uma memória! Não sei precisar a data, mas durante as décadas de 50 a 70, atribuíam-se em Portugal, os Prémios Valle Flor, às crianças que se distinguiam pela sua coragem. Muitas das crianças que recebiam este prémio nem sabiam bem porque o recebiam. Agiam, e agem sempre, sem esperar reconhecimento algum, como qualquer herói das nossas histórias! E esses são os heróis da vida real!



A amizade que une alguns destes rapazes, é maravilhosa. Enrico tem uma predileção por Garrone, Derossi ou Coretti. Mas quando a mãe de Garrone morre todos choram com ele e sentem a sua dor; a alegria que Precossi, o filho do ferreiro, sente quando Enrico lhe oferece o comboiozinho de corda, espelha-se no rosto de ambos; em troca, Precossi convida Enrico para visitar a oficina do pai e promete, com a mesma generosidade, oferecer-lhe... pregos! Quando o “pedreirito”, doente, é visitado por alguns colegas, entre eles Garrone, é por este que chama, ele que há dois dias não falava!

Mas as personalidades são bem diferentes! O que dizer de Franti, sempre rude, mal-educado, bruto, zombateiro? Ou de Carlos Nobis ou Votini que desdenham dos mais pobres e invejam os melhores? Mas até este último, com o seu ar soberbo, deixa mostrar que no fundo tem bom coração e no fim do ano letivo, é o primeiro a abraçar Derossi, que tanto invejava! A escola é este pequeno microcosmos, o grande caldeirão onde tudo e todos se misturam à imagem do mundo cá fora, belo e terrível!

A narrativa de Enrico é intercalada por vários elementos: os contos mensais, que os rapazes têm de ler e copiar; as cartas dos pais de Enrico, e as magníficas descrições sobre eventos diversos.

Estes contos mensais são histórias dentro da própria história e exaltam o sentido patriótico -ex. os meninos que sacrificam as suas vidas para ajudar o exército a combater os invasores austríacos; ou o menino pobre que rejeita o dinheiro dos que falam mal da “sua” Itália! ou, exaltam a amizade pelos companheiros, ou ainda o amor à família: - ex. o menino de Génova, que sem notícias da mãe, que tinha partido para Buenos Aires para trabalhar e poder proporcionar à família uma vida melhor, vai percorrer, com enorme coragem, milhares de quilómetros através de uma Argentina desconhecida e inóspita, até encontrá-la e restituir-lhe a vontade de viver.

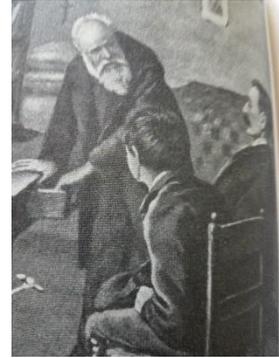


E há mais, mas vou deixar alguns à vossa curiosidade! Na altura achava-os muito bonitos e enternecedores e, claro, ficava muito feliz quando acabavam bem, ou não, se acabavam mal!

Acho as descrições deste livro muito vivas, como se se desenrolasse um filme diante dos nossos olhos, como a descrição das estações do ano, por exemplo, em que quase sentimos o frio do inverno, e brincamos com bolas de neve!; em que respiramos a alegria da primavera, “transpiramos” com o calor abrasador do verão e sorrimos ao imaginar as suas cores exuberantes! Depois a descrição dos eventos solenes e verdadeiros: o funeral do rei Vítor Manuel II, primeiro rei da Itália unida, e a tristeza do povo; ou a visita do rei Humberto, último rei de Itália, - e é contagiante a alegria do pai de Coretti, o soldado, por voltar a ver esse companheiro de armas, agora já tão velho! Ou a visita às escolas noturnas, e imaginar o pai do “pedreirito” orgulhosamente sentado na mesma carteira do filho! “...fazia-me impressão ver todos aqueles homens barbudos nas nossas carteiras!” relata Enrico, e estamos a vê-los, de facto: na distribuição dos prémios aos melhores alunos, miúdos e graúdos, pairam no ar o frenesim, o nervosismo, a agitação, ...e que colorido!

Deixo para o fim o papel principal de pais e professores. Os pais de Enrico têm um nível sócio-económico elevado e são muito atentos ao filho. Ao longo do livro escrevem-lhe cartas, criticando ou elogiando as suas atitudes, sempre explicando porque o fazem e orientando com bons conselhos. No capítulo “A rua”, o pai escreve a Enrico uma autêntica cartilha, muito rica, sobre civismo, dos deveres a ter com as pessoas, estranhos, transeuntes, com as ruas, com a cidade, que são dele, e, afinal, nossas também. Parece estar tudo ali, aquilo de que hoje tanto se fala que faz falta! Estes pais são ainda de uma grande delicadeza: quando o “pedreirito” vai a casa de Enrico e deixa o sofá sujo de cal, o pai impede que Enrico o limpe na presença do amigo; o quadro do corcunda Rigoletto é retirado da parede, quando é Nelli, o corcundinha, que lá vai; a mãe impede que Enrico a abrace efusivamente, à saída da escola, por ocasião da morte da mãe de Garrone para não acentuar a tristeza deste. O pai do arrogante Carlos Nobis dá-lhe uma bela lição de humildade, obrigando-o a apertar a mão do carvoeiro, pai de outro aluno, e a quem ele tinha chamado maltrapilho; o pai de Precossi, deixa de beber e de bater no filho, após este ter ganho a medalha, e volta a trabalhar com gosto; as mães pobres e desesperadas, que confiam os filhos à escola para que os redima, como a mãe de Franti, que implora que o filho não seja expulso, ou as outras que agradecem do fundo do coração aos colegas e professores que ajudam e protegem os filhos. Pobres, ou ricos, importam-se com a educação dos filhos e acreditam e confiam no papel da escola.

E é obviamente nos professores que recai a tremenda responsabilidade. Eles são, à época, muito respeitados e reverenciados, os pais confiam neles totalmente; são os mestres e, no fundo, os seus grandes substitutos. Mas estes professores do livro são idealizados, são os professores que todos gostávamos de ter tido e que alguns de nós, certamente, tivemos. Lembro-me da minha professora das primeiras classes, tão doce, que me sentava ao colo quando havia trovoadas, porque eu tinha medo! Como era importante esse gesto! No livro, os professores exercem com alegria e paixão o seu magistério, com poder de observação, sentido de justiça, ternura, e respeito pelos alunos e pela sua condição, carências ou dificuldades. Engraçada a descrição de uma das professoras, a quem os mais pequenos “atormentam”, pedindo abraços e beijos e que chega a casa todos os dias esguedelhada, com o vestido amarrotado, cansada, mas feliz! Ou aquele professor que faz caretas assustadoras, mas não castiga ninguém; aqueles que, por altura dos exames, vibram com o sucesso dos alunos e inquietam-se se não respondem logo, e se puderem até dão uma pequena ajuda! Por isso, os alunos visitam-nos quando estão doentes, ou choram a sua morte, ou lamentam já não ter aulas com “aquele” professor! O pai de Enrico visita o seu velho professor ao fim de muitos anos! O pai de Crossi, que estivera preso, vai agradecer a um professor que tinha dado aulas na prisão, que o ensinara a ler e a escrever, contribuindo assim para que se tornasse uma pessoa melhor.



São aqueles professores que não se apagam da memória e deixam saudade. Como é bonita a profissão de professor!

Deixa saudade também a escola! No fim do ano letivo a separação, as despedidas, os colegas e professores que, por várias razões, já não estarão lá no ano seguinte; mas também os abraços e a esperança do reencontro.

Epílogo

Não sei se ficaram curiosos de conhecer melhor estes rapazes. Nem sei se consegui demonstrar por que razão este livro me tocou. Será moralista, exageradamente sentimental ou dramático? Talvez. Eu, naquela altura, apenas deixava as emoções correr, mas à luz de uma leitura atual, a verdade é que todas as palavras que este belo livro evoca como amor, amizade, perseverança, coragem, solidariedade, humildade, respeito, civismo, dedicação e tantas outras, farão sempre falta numa sociedade que se queira melhor, mais forte e mais humana, e felizmente, e apesar de tudo, muitas pessoas as põem em prática por esse mundo fora.

Quanto ao meu coração...adorou rever este outro, o azul!

Manuela Braga

Agradecimentos

À Teresa que encontrou na sua própria biblioteca o original nº 7 da Coleção Azul e fez o favor de me emprestar

À Catarina, sempre pronta a “ensinar” e a ajudar

Excetuando a primeira foto, capa da 1ª edição, todas as outras são da edição de 2019.

“A poesia da escola” – citação do próprio livro